

*O homem acumula muitas experiências ao longo da vida mas, na realidade, apenas tem uma fundamental, a experiência da vida (vox populi)*

Quando se trata de homenagear um homem e a sua experiência de vida, o que somos e o que fazemos é relevante. Caso se trate de um músico todos comporíamos, tocaríamos e cantaríamos em honra do homenageado, mas sendo arquitectos ficamos sós com as nossas falas, que serão sempre falsas e traiçoeiras para exprimir sentimentos, a menos que tivéssemos o dom da poesia, que constitui uma segunda natureza, mas que nos não foi distribuído.

Na minha infância havia em casa um objecto preto chamado telefone, fixo à parede e de uso exclusivo do pai e que, no plano simbólico, o representava a ele próprio, de tão intocável que era, qual maçã do Paraíso. Quando soava um alarme estridente, o pai levantava o auscultador e seguiam-se silêncios intermináveis, espacejados por expressões guturais do tipo hum! hum! ou da palavra “fixe” e desligava. Quando predominavam as primeiras ele voltava pensativo e quando eram as segundas satisfeito, o que nos terá levado a pensar que “fixe” era qualquer coisa de bom e que punha o pai bem disposto e, como geração iconoclasta que fomos, corrompemos o sentido à palavra, para além do fixo, ou firme do sentido inicial, mas também do ok da nova linguagem curta de SMS e mais não sei para melhor precisar.

Titulei esta minha fala de “**FIXE**” e passo a dizer:

Para começar e para que conste, quero dizer que considero o canto materno a primeira experiência sensorial do mundo exterior, sentida ainda in útero e de que guardamos uma memória reforçada nos anos da vida, uma espécie de chave que nos vai abrindo portas do mundo sensorial.

Esta constatação leva-me a dizer que **o canto materno é fixe**.

Sempre me interroguei sobre as razões que nos levam a considerar a Serra como matriz do carácter de um homem e o Mar apenas como seu destino ou fatalidade. Falam os serranos com orgulho na sua origem e, aos “mareanos”, nem é dado termo equivalente, obrigando-me a criar neologismo, revelador de que não dispunha de forma mais forte que essa para exprimir esta ideia.

O Mar da ribeira da ocidental praia é tão rico e formador do carácter como o será a Serra, na demonstração desproporcionada da nossa relação frente à natureza, mas também de como pode ser generoso esse diálogo de namoro e de enamoramento que, pelo Mar dentro, vamos mantendo com ela.

Estará por escrever a história de um Mar Sem Fim desta Ocidental Praia, que é de todos e não é de ninguém, talvez ao modo como Elysée Reclus, por muitos considerado o fundador da geografia moderna, escreveu a História de um Riacho e a História de uma Montanha.

A praia como espaço público e lugar de cruzamento dos ofícios do Mar, na sua enorme diversidade de saberes que vai do carpinteiro naval ao pescador e ao salva-vidas sem esquecer o calafate, homem que trabalha o breu fumegante e a estopa, num incessante batuque que ecoa no casco fazendo-o soar por toda a praia até à vila mais próxima.

A ribeira ou frente marítima é um lugar de caldo cultural, que viu nascer entre nós o teatro vicentino e, em Londres, o teatro de Shakespeare e do mesmo modo que há um teatro que nasce do palco e das suas potencialidades mágicas, também há uma arquitectura que nasce do fazer, desse domínio sobre a matéria de que o estaleiro naval constitui um deslumbramento.

E mais que tudo isto, a praia, à semelhança da neve na montanha, é o lugar mágico da luz que invade tudo e todos ao redor, por todos os lados.

Por tudo isto que disse e pelo que não disse, posso afirmar que **o Mar é fixe**.

Chegados agora ao tema do Desenho, digo que mais que os fetiches que sempre o envolveram, me agrada o seu carácter universal de linguagem, a sua capacidade de fazer passar informação entre decisores e governados, que faz dele a base certa de todos os processos que designamos por abertos ou participativos das gentes envolvidas numa qualquer transformação.

Caso dúvidas houvesse, as operações participativas em que os arquitectos estiveram envolvidos, no passado remoto ou recente as removeriam, pois ao colocar o desenho da transformação que se deseja, como o elemento activo e privilegiado do diálogo com a comunidade envolvida, se recorreu a uma linguagem universal e ao alcance de todos, se garantiu um melhor nível de prestação do serviço e de qualidade da transformação a operar.

Ninguém foi chamado a apreciar e comentar índices, ponderações, ou outras formas abstractas de entender a realidade, mas sim o desenho das coisas.

Mas há coisas que antecedem o desenho das coisas e que, em minha opinião não são os conceitos ou as ideias, que esses deixo-os para outra ocasião, mas sim o ethós que o precede através de todas as coisas que o antecederam e que já foram esquecidas e que transpira por todos os poros do desenho, uma vez que desenhar é construir como diziam os mestres.

Pelo que disse e pelo que ficou por dizer, afirmo que **o desenho é fixe**.

Passando aos processos de trabalho, gostava de referir a lentidão e o erro, que são próprios do processo criativo em arquitectura, contrariamente ao que se passa com o trabalho do cirurgião que faz dos seus contrários ofício.

*“Errando corrigitor error”* reza o aforismo latino que acompanha o arquitecto permanentemente no trabalho de projecto.

E porquê?

Porque a arquitectura, como diz Umberto Eco é o *“último ofício humanista dos nossos dias”*.

*“a arquitectura oferece uma espécie de grandeza completa na qual vivemos, somos, movemo-nos. Existimos então na obra de um homem e não há qualquer parte dessa tripla dimensão que não tenha sido estudada e pensada. Ali respiramos, de certo modo, a vontade e as preferências de alguém. Somos dominados pelas proporções que ele próprio escolheu. Não podemos escapar-lhe”* Paul Valéry, Eupalinos, dialogo de Sócrates e Fedro.

Posso então afirmar, sem sombra de dúvida, que **a lentidão e o erro são fixes**.

A propósito da dúvida e da certeza direi que afinal o que importa não é ter um chão de mármore para pisar, que até pode ser em terra batida e os homens serem livres, pois é a dúvida que constitui um bem da liberdade.

Para Kant, medimos a inteligência de um indivíduo pela quantidade de incertezas que ele é capaz de suportar. Ligamos a inteligência à desordem porque pensar é duvidar, construir é destruir.

O acto próprio do ofício de arquitectar consiste mais em gerir dúvidas do que certezas e daí a sua intemporalidade. Se um arquitecto da antiguidade, um frade construtor medieval, ou arquitecto do renascimento à modernidade pudesse ressuscitar, certamente que teria lugar num atelier de arquitectura e constataria que os processos holísticos da criação em arquitectura a que hoje recorremos são os mesmos que, em cada tempo, todos eles utilizaram.

Aqui, somos mais próximos do poeta ou do músico que do engenheiro, nosso companheiro de estrada, cuja certificação científica sofre permanentemente uma aceleração tão rápida que a verdade de hoje já será mentira amanhã.

Dante disse que a imaginação é um lugar onde chove, e à chuva fazem-se amigos e companheiros de estrada, de caminhada, de culturas que são abertas à chuva desse lugar que é a imaginação.

Com a dúvida imposta por tudo aquilo que ainda está por dizer, digo que **a dúvida é fixe.**

A cultura, ou antes as culturas, não a cultura-alma de um povo que inquinou uma boa parte do Século XX, conceito de base segregativa e até racista, ou, no mínimo, etnocêntrico (cultura branca/ ocidental/ masculina) nem a cultura mercadoria que despreza os sistemas das culturas e os seus territórios, são um bem precioso na formação do arquitecto. Por muitas voltas que dermos ao mundo não podemos deixar cair a mochila de uma cultura-valor que nos ajudou a sobreviver em momentos difíceis por que passámos. O arquitecto rodeado de poetas, escritores, músicos e pintores, todos “cultivando os seus jardins” (Candide / Voltaire), mostrou à evidência a importância do pensamento francês na formação cultural das gerações europeias até à fundação do pensamento único, rápido e eficaz que tenta agora vingar.

A importância de reconhecer o carácter sólido e universal da cultura alemã, num tempo em que a Alemanha derrotada continha em si o anátema do odioso ligado ao império mal, demonstrou uma grande coragem por parte de quem a perfilhou, que está ainda por reconhecer.

Pelo que aprendi, posso dizer que **a cultura francesa e alemã são fixes.**

A aprendizagem é um processo complexo mas muito interessante, pela criatividade que a ignorância transporta em si própria.

Muitas vezes, neste lugar da Ribeira Nova onde nos encontramos, se poderá ter ouvido o adágio usado pelas gentes do mar de que quando o remador é novato a vaga é ronqueira. Esta frase, ao colocar na vaga a expressão da lentidão e não na falha do remador, encerra o grande princípio de toda a aprendizagem que depende da relação entre mestre e discípulo pois mestre é aquele que saboreia a lentidão da vaga, sabendo que atrás dela virá outra e depois outra, até que um dia o aprendiz, tão rápido, virou mestre da arte, pois a cereja está no galho e o galho está na árvore e sempre assim será até ao final dos tempos.

**A aprendizagem** será lenta e a vaga ronqueira, mas **é um processo fixe.**

O projecto é o sistema instável de representações abstractas e simbólicas num lugar concreto e num tempo determinado e finito, é a pauta musical da

composição pela qual o arquitecto anota, exprime e transmite uma realidade que se tornará num facto para ser vivido e recriado por quem dele fizer uso. O projecto, viaja do mais ao menos e do menos ao mais, sem nunca esquecer que, tal como a álgebra nos ensina, menos por menos dá mais. O pormenor é a prova que o módulo do projecto é o milímetro e não é pelo facto de, como diz o ditado, Deus estar no pormenor, mas por razão tão prosaica e simples como dizer que há coisas em que 1mm de luz conta, há coisas em que 1mm de pendente conta e por ai fora. Se Deus está no pormenor, quem estará então no “pormaior” do projecto a exigir esforço de concentração e de controlo tão rigoroso que faz do projecto um lugar só comparável ao trapézio voador que vemos e apreciamos no circo. Assim **o projecto**, no seu estado de pormaior ou de pormenor, **é fixe**.

Saborear e entender a história não é mais do que viajar por tempos e lugares distantes, sendo sempre pela arte que aprendemos a olhar a arte e o mundo. Nunca esquecerei a viagem que, de tanto preparada a um lugar que muito visitámos pela imaginação, no dia da partida reconhecemos ser inútil partir, pois o nosso entusiasmo tinha sido tanto na visita imaginada do local, que nos tínhamos esquecido de confirmar se o lugar existiria mesmo de verdade e, instalada a dúvida, que se mantém até hoje, decidimos ficar e continuar a imaginar. Tratava-se de Toulouse le Miraille da autoria do arquitecto Candilis. Posso assim afirmar que, **a viagem imaginária, é fixe**.

Quanto à musica recorro novamente ao diálogo entre Sócrates e Fedro  
*“Fedro – a arquitectura e a música estando tão directamente ligadas a nós sem intermediários, devem partilhar entre si relações particularmente simples  
Sócrates – Mas a arquitectura e a música fazem-nos pensar em coisa bem diversa daquilo que são em si próprias, constituindo, no meio deste mundo, como que monumentos de um outro mundo ou então exemplos, aqui e ali disseminados de uma estrutura e de uma duração que não são as dos seres vivos mas sim as das formas e das leis  
Parecem estar destinadas a lembrar-nos directamente – uma a formação do universo, a outra a sua ordem e a sua estabilidade. Evocam as próprias construções do espírito a sua liberdade, que essa ordem busca e reconstitui de mil maneiras diferentes.”*  
**A música**, arte abstracta companheira única da arquitectura, **é fixe**.

Sempre que encontro o Daciano pergunta-me pelo “homem do violoncelo” referindo-se ao Manuel Tainha.

Não estou certo que o Daciano se encontre comigo tantas vezes como eu com ele e até posso desconfiar que não, pois ambos não acreditávamos na vida eterna. Encontro-o amiúde, em pessoas, em lugares, em coisas. Julgo que por uma razão simples, é que a morte é demasiado estúpida e irracional para ser verdade e para que qualquer ser humano a possa entender.

Para esta homenagem ao “homem do violoncelo” convoquei João Sebastião Bach (J. S. Ribeiro como Manuel Tainha, falador da língua alemã, o refere por

brincadeira) e escolhi um andamento da Quinta Suite para violoncelo solo, a Sarabande.

Quatro cordas, três frases musicais com recurso apenas a notas simples sem qualquer nota dupla durante todo o andamento, chegam para definir um tempo cósmico que nos envolve durante todo o andamento.

Bergman, no seu filme homónimo, exprime a seguinte ideia pela voz da jovem personagem, confrontada com a ideia de preparar um concerto de sarabandes em apenas três meses:

“as sarabandes? Mas é necessário uma vida inteira para as aprender”

Pois é, o que é simples é muito complexo.

Vamos então ouvir a Sarabande da quinta suite para violoncelo solo de João Sebastião Bach, interpretada pelo jovem violoncelista Hugo Fernandes.

*Entra o Hugo na sala e prepara-se para começar a tocar*

Ah!

Só mais uma coisa.

No meu entendimento, para toda a minha geração, **o Manuel Tainha é fixe**

*O Hugo começa a tocar*

Então, a reverberação da música de Bach revela o espaço concebido por Manuel Tainha